

ESTA RUA É NOSSA³⁴

José Carlos Garcia³⁵

RESUMO: A partir da análise do filme *Os meninos da rua Paulo*, de Zoltán Fábri, baseado na obra homônima de Férenc Molnár, o autor procura articular alguns temas ligados à infância, à liberdade e ao caráter disciplinar das sociedades contemporâneas.

RESUMÉE: À partir de l'analyse du film *Les garçons de la rue Paul*, de Zoltán Fábri, qui s'est basé sur l'oeuvre homonyme de Férenc Molnár, l'auteur s'occupe d'articuler quelques thèmes liés à l'enfance, à la liberté et au caractère disciplinaire des sociétés contemporaines.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema, infância, liberdade.

MOTS-CLÉS: Cinéma, enfance, liberté.

³⁴ Esse texto foi publicado originalmente na Revista de Cultura da AJUFE., Brasília, p. 32 - 35, 01 jun. 2009.

³⁵ Doutorando em Direito Constitucional (PUC- RIO) e Juiz Federal no Rio de Janeiro.

ESTA RUA É NOSSA

José Carlos Garcia

Ó *grund*... Ó vós, belos e sadios estudantes da planície, aos quais basta dar um passo para vos encontrardes na estepe imensa, sob a admirável redoma azul que se chama firmamento, vós cujos olhos estão acostumados às grandes distâncias, aos longes, vós que não viveis apertados entre edifícios altos, nem podeis imaginar o que é para os guris de Budapeste um terreno baldio, um *grund*. É a sua planície, a sua estepe, o seu reino; é o infinito, é a liberdade. Um pedacinho de terra, limitado a um dos lados por uma cerca meio desmoronada, ao passo que pelos demais lados altos muros de edifícios o rodeiam. Atualmente o *grund* da Rua Paulo também já se encontra ocupado por um triste edifício, de quatro andares, cheio de moradores, nenhum dos quais sabe, talvez, que aquele pedacinho de terra significou a mocidade para alguns pobres estudantes de Budapeste.³⁶

Os meninos da Rua Paulo (*A Pál-utcai fiúk*, no original húngaro), de Ferenc Molnár (1878-1952), é seguramente um dos grandes clássicos mundiais da literatura infanto-juvenil. Segundo Paulo Rónai, responsável pela sua tradução para o português, ele é mesmo um dos raros clássicos que, contrariando o caminho feito por muitas obras literárias escritas para adultos e depois popularizadas em versões para crianças e adolescentes (como *Gulliver*, *Robinson Crusoe* ou *Don Quixote*), foi escrita originalmente para jovens, mas depois veio a conquistar o público de todas as idades em todo o mundo³⁷.

Publicado na Hungria pela primeira vez em 1907, sua primeira edição brasileira surgiu em 1952. Desde então sucederam-se as edições em várias casas, primeiramente na Saraiva, depois na Ediouro, e mais recentemente na Cosac & Naify. Trata-se de uma daquelas obras com admiradores em todos os continentes, em geral pessoas que, como eu próprio, leem-na e releem-na dezenas de vezes ao longo de sua vida, no texto belo e fluido e tão carinhosamente traduzido por Rónai – perdi a conta das inúmeras releituras desde minha primeira vez, aos nove ou dez anos de idade, em pequena edição da Ediouro emprestada à biblioteca da escola.

Na Budapeste de 1889, dois grupos de meninos lutam pelo *grund*, um terreno baldio espremido entre os prédios da capital húngara em crescimento, local para suas

³⁶ MOLNÁR, Ferenc. **Os meninos da Rua Paulo**. Tradução de Paulo Rónai, revista por Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.], p. 27

³⁷ *Op. cit.*, prefácio de Paulo Rónai, p. 7.

fantasias, jogos e brincadeiras, e onde travam com todo ardor sua guerra pela pátria infantil. Na maravilhosa, comovente e simples narrativa, aquelas crianças, juntamente com o leitor, vivem uma infância quiçá hoje superada pelo progresso e pela vertigem do cotidiano urbano, confrontando os desafios, as amizades, as traições, as perdas da vida, “da qual todos somos os soldados e os servidores, ora tristes, ora alegres”³⁸.

A obra foi vertida pelo menos duas vezes para a televisão: uma na Itália, em 2003 (*I ragazzi della via Paal*), com excessiva, injustificável e ineficaz liberdade em relação ao texto original, e que chegou a ser exibida no Brasil pelo canal pago Eurochannel; e outra para a tevê húngara, em 2005, com o mesmo título do livro.

Para o cinema, foram quatro diferentes versões. A primeira foi húngara, de 1929 (*A Pál-utcai fiúk*, de Béla Balogh); foi seguida de outra, americana, de 1934 (*No greater glory*, de Frank Borzage); em 1935 foi realizada uma italiana, *I ragazzi della via Paal*, co-dirigida por Alberto Mondadori e Mario Monicelli; e finalmente a mais conhecida e que aqui será comentada, de 1969, uma produção húngaro-americana dirigida por Zoltán Fábri, e que foi indicada ao Oscar de melhor filme estrangeiro daquele ano, perdendo para o russo Guerra e Paz (*Voyna i Mir*, de 1967, dirigido por Sergei Bondarchuk)³⁹.

A versão de Fábri, lançada à época nos cinemas do Brasil com o título *Esta rua é nossa*, tem poucas variações em relação ao texto original. As principais delas, o fato de passar-se no início do século XX, e não em fins do XIX, e algumas pequenas alterações possivelmente para que o roteiro, assinado pelo próprio Fábri e por Endre Bohem, ficasse mais enxuto. Quanto a deficiências, chama a atenção certa falta de resolução final na tensão entre Boka e Geréb, após o fim da guerra com os camisas-vermelhas.

Já na abertura fica caracterizado o perfil da época e da infância na Budapeste da virada do século passado. O ritmo meio febril da música de Emil Petrovics, combinado com a aceleração das imagens em preto e branco à moda dos antigos cinematógrafos (com menos de vinte e quatro quadros por segundo) e sua mescla com fotografias

³⁸ *Op. cit.*, p. 186.

³⁹ Os outros indicados ao Oscar de melhor filme estrangeiro de 1969 foram o francês *Beijos roubados* (*Baisers volés*, de François Truffaut); o tcheco *O baile dos bombeiros* (*Horí, má panenka*, de Milos Forman); e o italiano *A moça com a pistola* (*La ragazza con la pistola*, de Mario Monicelli).

reais da época, indicam muito adequadamente a velocidade crescente da urbanização e do progresso na viragem daquele século, bem como a realidade disciplinadora da escola de então, ambas circunstâncias que tornavam o *grund*, espaço evasivo para a liberdade de imaginação e a brincadeira, uma necessidade tão vital aos meninos da Rua Paulo.

A condição disciplinar da escola na época não era uma circunstância peculiar à Hungria, mas a inúmeras esferas da sociedade ocidental. Segundo vários autores, a infância como a conhecemos inexistiu na Europa Ocidental até aproximadamente o século XVI, em função de inúmeras condições históricas⁴⁰. Como salienta Dominick (2003), com referência na obra de Philippe Ariès; *História social da criança e da família*,

O sentimento da infância não trazia em si o significado de afetividade ou uma interpretação das particularidades e diferenças inerentes a esta faixa etária como hoje a vivemos. Na verdade, o que era determinado como infância relacionava-se mais com a possibilidade de sobrevivência do que com as características próprias, pois a mortalidade infantil era muito alta. Somente após uma determinada fase da vida do sujeito é que se identificava mais objetivamente aquele ser como participante do mundo, como 'alguém com quem se poderia contar'. Essa passagem se dava mais ou menos quando a criança tinha condições de viver sem a solicitude constante de sua mãe ou ama e, a partir daí, ela ingressava na sociedade dos adultos e já não se distinguia destes⁴¹

Somente a partir de então se iniciam as produções sociais de imaginário sobre a infância, em longo e multifacetado processo que redundava no quadro social hoje vivenciado no Ocidente de etapa específica da vida, merecedora de proteção especial e tratamento diferenciado. De certo modo, portanto, ao contrário do senso comum que imagina a infância como um dado biológico que sempre existiu em todas as culturas e sociedades, se pode dizer, com vários pensadores, que a infância foi *inventada*, no sentido que lhe atribui Ariès; muitos historiadores recentes analisam

⁴⁰ A respeito da elevada taxa de mortalidade infantil da época, Jacques Gélis, em nota a seu próprio texto, diz que "era para garantir a continuidade do prenome, um bem simbólico ao qual a família atribuía grande valor, que na Inglaterra às vezes se dava aos três primeiros filhos varões do casal o mesmo prenome: se o mais velho morresse, seu homônimo de algum modo o substituiria, cf. Lawrence Stone, *The family, sex and marriage in England 1500-1800*, Londres, 1973, p. 409" (GÉLIS, Jacques. *A individualização da criança*. In: **História da vida privada, v. 3 – Da Renascença ao Século das Luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, nota 1, p. 329)

⁴¹ DOMINICK, Rejany dos Santos. **Imagens - memórias vividas e compartilhadas na formação docente: os fios, os cacós e a corporificação dos saberes**. Campinas, SP: [s.n.], 2003. Tese de Doutorado.

que está em curso o fim da infância, e há mesmo autores que sustentam, mais radicalmente, que ela jamais existiu da forma como o discurso que lhe corresponde pretendia⁴².

Por outro lado, o período compreendido entre fins do século XIX e princípio do XX é ao mesmo tempo apogeu e princípio do ocaso tanto do positivismo nas ciências quanto da lógica disciplinar, disciplinando os corpos e docilizando as mentes, espalhando-se pelas principais estruturas de aglomeração de indivíduos – a prisão, o hospital, a escola⁴³. Portanto, não é nada casual a evidente dicotomia entre o rigor do espaço escolar, representado pelo Professor Rácz, e a sensação de liberdade das crianças no *grund*, como demonstra nitidamente a passagem escolhida como epígrafe para este texto. Mais do que um lugar para jogar péla, está em disputa na história (livro e filme) o território de liberdade não afetado diretamente pela autoridade disciplinar adulta, ou, em outras palavras, o próprio local onde a infância rebela-se contra as amarras do poder disciplinar adulto e corre solta em suas estepes, seu reino, sua planície.

Não por acaso, e nem tão paradoxalmente assim, ambos os grupos (os da rua Paulo como os camisas-vermelhas, do Jardim Botânico) vivenciam esta experiência de liberdade como reprodução do mundo disciplinar adulto, em estruturas de natureza militar e profundamente hierarquizada. Uma das funções primordiais da brincadeira na infância é permitir que as crianças vivenciem seus conflitos de forma lúdica e, por meio dela, compreendam a sociedade em que vivem. Elas reproduzem e recriam, no jogo, as estruturas e relações de poder existentes, de modo a compreendê-las, questioná-las e integrarem-se socialmente em seu contexto, como já afirmaram pensadores como Piaget ou Vigotsky. Em uma sociedade altamente hierarquizada e disciplinar, o jogo simbólico não poderia refletir senão esta estrutura. No *grund*, entretanto, as regras são estabelecidas de forma autônoma pelas crianças que são suas destinatárias, e não heterônoma, e sua afirmação permanente como sujeitos se faz de modo independente dos adultos, sejam a família, sejam os professores.

⁴² CORAZZA, Sandra Mara. *O que faremos com o que fizemos da infância?* In: LINHARES, Célia Frazão e GARCIA, Regina Leite. **Simpósio Internacional Crítica da Razão e Crise da Política na Formação Docente**. Rio de Janeiro: UFF, 2001, pp. 59-60.

⁴³ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

Belo livro e belo filme, são inesgotáveis os aspectos a serem vistos e revistos em ambos. Mas há um, em particular, que me parece merecer especial atenção: o tratamento dado à perda e à morte. Com rara e triste beleza, este tema geralmente difícil no trato com as crianças do mundo contemporâneo, cada vez mais vinculado a um hedonismo sem contrapartidas, é trabalhado com imensa dignidade e emoção, onde a agonia do jovem protagonista é lapidada de forma profundamente comovente: mais no livro do que no filme, é impossível conter as lágrimas ante a sucessão de devaneios e delírios da criança numa época anterior à penicilina. Tão incomum me parece esta abordagem em obras infanto-juvenis, a não imbecilizar as crianças, que rapidamente me vem à lembrança o muito mais recente *Ponte para Terabítia*, adaptação dirigida por Gabor Csupo em 2007 para o livro homônimo de Katherine Paterson, de 1977 (escrito para consolar seu filho mais jovem pela perda de uma grande amiga)⁴⁴, outra indicação sem dúvida inafastável para se ver e ler com os pequenos e provocar boas conversas sobre momentos desagradáveis, mas invencíveis, da vida de todos⁴⁵.

Os meninos da Rua Paulo é mais um daqueles filmes que durante muito tempo foram tornados raros pelo desprezo da indústria de audiovisual, que esbraveja hipocritamente contra a pirataria, mas é incapaz de reeditar filmes essenciais e disponibilizá-los a preços honestos e razoáveis, forçando o público (por certo restrito) deste tipo de produção a realizar verdadeiras jornadas de provação para garimpá-los, encontrá-los e finalmente assistir-lhes. Há alguns anos, a Amazon.com vendia o título em VHS, com som original em húngaro e legendas em inglês, mas o material encontra-se atualmente esgotado, e a distribuidora responsável, especializada em filmes húngaros nos EUA (European Video Distributors, sediada na Califórnia), aparentemente encerrou seu funcionamento. Não houve lançamento do filme em DVD nem nos EUA, nem na Europa Ocidental. Ele é facilmente encontrável na Hungria, em DVD, mas apenas com som original em húngaro, e sem legendas sequer naquele

⁴⁴ Além do filme, disponível em DVD, igualmente o livro foi editado no Brasil pela Salamandra, com tradução de Ana Maria Machado.

⁴⁵ Também em *Ponte para Terabítia*, tanto no filme quanto no livro, a estruturação do jogo simbólico na infância, entre os protagonistas Jess e Leslie, é evidente, como forma de ambos lidarem com suas frustrações, medos e desafios – por exemplo, a problemática relação de Jess com o pai, ou descobrir como compreender e enfrentar a “gigante” Janice Avery.

idioma, versão que consegui com um amigo daquele país, o juiz e professor universitário József Liechtenstein, a quem mais uma vez agradeço pelo fim desta minha busca que durou vários anos, fazendo-o, agora, de público. É possível, entretanto, encontrar o filme na internet, via *torrent* – inclusive com legendas em inglês e português. Recentemente, ele foi lançado em DVD no Brasil pela Cult, com legendas em português, suprimindo essa profunda lacuna, sendo hoje mais facilmente encontrável.

FICHA TÉCNICA:

Título: Os meninos da Rua Paulo, ou Esta rua é nossa (A Pál-utcai fiúk, Hungria/EUA, 1969)

Títulos Alternativos: The Boys of Paul Street

Gênero: Drama

Duração: 110 min.

Tipo: Longa-metragem / Colorido

Produtora(s): Groskopf, MAFILM Stúdió 1

Diretor(es): Zoltán Fábri

Roteirista(s): Endre Bohem, Zoltán Fábri

Elenco: [Mari Töröcsik](#), [Sándor Pécsi](#), [László Kozák](#), [Anthony Kemp](#), [William Burleigh](#), [John Moulder-Brown](#), [Robert Efford](#), [Mark Colleano](#), [Gary O'Brien](#), [Paul Bartleft](#), [Earl Younger](#), [György Vizi](#), [Julien Holdaway](#), [Péter Delmár](#), Jancsó Miklós

Fonte: http://epipoca.uol.com.br/filmes_detalhes.php?id=16768, acessado em 30 de março de 2009.